



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na abertura da conferência “Gênero, Desenvolvimento e Poder”

Foz do Iguaçu-PR, 1º de setembro de 2010

Meu caro companheiro, governador do estado do Paraná, Orlando Pessuti, e sua senhora, Regina Pessuti,

Minha cara companheira Gloria Rubín, ministra da Secretaria da Mulher do Paraguai,

Minha querida companheira Nilcéa Freire, ministra-chefe da Secretaria de Políticas para as Mulheres,

Ministros Fernando Haddad, da Educação; José Gomes Temporão, da Saúde; Márcia Lopes, do Desenvolvimento Social e Combate à Fome; Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; João Santana, da Integração Nacional; Luiz Dulci, da Secretaria-Geral da Presidência da República; Alexandre Padilha, de Relações Institucionais; Paulo Vannuchi, dos Direitos Humanos,

Meu caro Paulo Mac Donald, prefeito de Foz do Iguaçu, por meio de quem cumprimento os prefeitos da região aqui presentes,

Meu caro companheiro Gustavo Codas, diretor-geral paraguaio da Itaipu Binacional,

Meu querido companheiro Jorge Samek, diretor-geral brasileiro de Itaipu Binacional;

Senhora Rebecca Tavares, representante permanente da Unifem para o Brasil e Cone Sul,

Senhor Arnaud Peral, representante-residente adjunto do PNUD para o Brasil,

Senhoras e senhores representantes das entidades patrocinadoras,
Companheiras e companheiros participantes deste encontro,



Companheiros da imprensa,
Amigos e amigas,

Pelo adiantado da hora, eu vou ler o meu discurso aqui porque no improviso eu demoro muito, e eu sei que vocês estão aqui reunidas para trabalhar e, portanto, têm que dormir cedo, acordar cedo, porque precisam produzir propostas de políticas públicas para as empresas que vocês trabalham, para o Pessuti, que acabou de criar uma Secretaria das Mulheres. E para os prefeitos que ainda não criaram secretaria das mulheres, que criem, porque isso facilita a vida de todos nós.

A desigualdade de gênero não cabe mais no Brasil do século XXI. O esforço para erradicá-la passa, necessariamente, pela troca de experiências e pelo debate de alternativas. É preciso mudar a consciência e a prática, tanto nos governos como na sociedade, em especial no mundo do trabalho. É verdade que as mulheres conquistaram avanços significativos nas últimas décadas. Sua luta possibilitou a modificação de leis arcaicas e garantiu a igualdade de direitos. Hoje as mulheres já provaram que podem comandar grandes empresas e ocupar postos de destaque no poder público, e profissões e atividades antes restritas aos homens, contam com um número cada vez maior de trabalhadoras. Não é justo, portanto, que a mulher continue ganhando menos que o homem, realizando o mesmo trabalho, tão bem ou melhor do que ele, ou que continuem a encontrar, no dia-a-dia das empresas, entraves muitas vezes injustificáveis à ascensão profissional.

É justamente por esse motivo que eu me sinto especialmente honrado em ver tantas organizações reunidas em torno de um projeto como o Pró-Equidade, conduzido pela Secretaria de Políticas para as Mulheres. São, como se sabe, 72 empresas públicas, privadas e instituições governamentais que, juntas, empregam mais de 138 mil mulheres em todo o Brasil. Ao participarem do Programa, elas estão mostrando como é possível fortalecer a igualdade de



gênero, modificando a própria cultura organizacional e as políticas de gestão de pessoas. Mais do que isso, estão servindo de exemplo para todo o mundo do trabalho brasileiro, seja no setor público, seja no setor privado.

Dou os meus parabéns, desde já, portanto, a essas empresas que participam do Pró-Equidade e que estão prestes a aderir aos princípios do empoderamento das mulheres dentro do Pacto Global das Nações Unidas, e em especial às empresas que estão organizando este ciclo de encontros regionais: o Banco do Brasil, a Caixa Econômica Federal, a CPRM, a Eletrobras, a Eletronorte, a Embrapa, Petrobras, Serpro e Itaipu Binacional, que é a nossa anfitriã aqui em Foz do Iguaçu.

Os debates que estão ocorrendo aqui neste espaço de diálogo privilegiado somente são possíveis graças a um novo momento da democracia brasileira, no qual existe uma nova relação entre o Estado e a sociedade. No que se refere à igualdade de gênero, essa nova relação começou a ficar clara logo no primeiro dia do meu mandato, do primeiro mandato, com a criação da Secretaria de Políticas para as Mulheres. A Secretaria era uma antiga reivindicação dos movimentos sociais que encontraram, desde 2003, espaços inéditos de participação na elaboração e no acompanhamento das políticas para o setor. Isso se deu, entre outros momentos, nos encontros finais das duas conferências nacionais, com a participação de 320 mil mulheres de todos os rincões do nosso país e nos dois Planos Nacionais de Políticas para as Mulheres, que envolvem os principais órgãos do governo federal em sua execução. Como resultado dessas políticas, pelo menos 46 novas medidas normativas em benefício das mulheres brasileiras foram promulgadas, com destaque para a ampliação da licença-maternidade e da Lei Maria da Penha, que é o mais importante garante das mulheres do nosso país.

Os principais programas governamentais, como o “Minha Casa, Minha Vida”, dão preferência às mulheres como titulares, pois reconhecem nelas maior comprometimento com o bem-estar dos filhos e da família. Pelo mesmo



motivo, mais de 90% dos responsáveis preferenciais pelo recebimento do Bolsa Família são as mulheres brasileiras.

O caminho a ser percorrido ainda é longo, mas avançamos muito nesses anos. A desigualdade de renda entre as mulheres e homens, por exemplo, finalmente começa a dar sinais de queda no Brasil. Entre 2004 e 2008, houve um crescimento de 14,5% nos rendimentos reais femininos e de 12,4% nos masculinos. Todos ganharam, mas as mulheres ganharam um pouquinho mais. E se alguém tem que ganhar mais, esse alguém é a mulher, porque ela quase sempre acumula muitas responsabilidades, além da dupla jornada de trabalho que muitas vezes a mulher tem que praticar.

A verdade é que as conquistas das mulheres significam avanços extraordinários para toda a sociedade e nós sabemos que tudo isso está sendo obtido graças a muita luta. A emancipação das mulheres, sua inserção cada vez mais autônoma e soberana no mundo do trabalho, na vida social e na política liberta também os homens de seus papéis arcaicos e repressivos, e contribui decisivamente para a construção de uma sociedade mais humana, equilibrada e mais justa.

Minha querida companheira Nilcéa,
Minha querida companheira Ministra do Paraguai,
Companheiras e companheiros,
Delegadas e delegados deste encontro,
Prefeitos,

Eu penso que a igualdade que a mulher está conquistando no nosso país ainda está longe de ser conquistada, embora esteja na nossa Constituição que todos devem ser tratados em igualdade de condições e, portanto, a lei é igual para todos. Mas esse também não é um problema brasileiro; é um problema americano, é um problema argentino, é um problema paraguaio, é um problema italiano, é um problema alemão, é um problema francês, é um problema inglês, é um problema chinês, é um problema da Índia, é um



problema da Coreia, é um problema do Japão, porque é sobretudo um problema cultural, de dominação, que já dura milênios, em que a mulher sempre foi tratada como se fosse cidadã de segunda categoria, [como] se fosse do sexo fraco, e que o homem sempre foi o cidadão de primeira categoria e o sexo forte. Não é uma lei que resolve isso; uma lei começa a resolver. O que resolve isso, na verdade, é o processo de maturidade de evolução política da consciência da sociedade.

Às vezes não é a lei. Às vezes é o comportamento de um companheiro dentro de casa; às vezes é o comportamento não apenas de um companheiro, mas de um companheiro e da família toda. Quantas vezes, em uma mesa de almoço, o marido e os filhos almoçam, levantam e deixam a louça para a mulher lavar, como se ela fosse empregada deles? Quantas vezes os nossos adolescentes, meninos e meninas, vão largando suas peças de roupa pela sala e pelo quarto e a mãe vai atrás, recolhendo, como se fosse quase que uma escrava da família? Quantas vezes uma mulher que trabalha em casa que nem uma escrava, cuida de três, quatro filhos, dá comida para eles de manhã, café, prepara para a escola, prepara o almoço, dá almoço para eles, depois prepara a janta, depois prepara para eles dormirem, dá banho nos filhos, ainda prepara roupa para o marido, e quando alguém pergunta... Lava casa, lava banheiro, lava roupa, não é isso? Aí pergunta... Vai lá o IBGE para perguntar “A senhora trabalha?”, ela fala “Não”. Ela fala não, porque o conceito de trabalho não foi um conceito inventado pelo marido. Talvez os que pensaram no conceito de trabalho eram homens.

Então, o que as mulheres fazem em casa, cuidando dos nossos guris, na verdade, é uma tarefa doméstica, não é trabalho. Fizesse um homem, ‘Pessutão’, uma semana de tarefa caseira; ou o Paulo Bernardo, que está rindo ali do lado; ou o Temporão, que é ministro da Saúde, que diz que a gente resolve o problema da pressão fazendo sexo cinco vezes por semana. Façamos, cada um de nós, um pouco da tarefa que as mulheres fazem, para a



gente perceber o que é trabalho de verdade. Muitas vezes a gente, discutindo no meio dos homens, a gente fala: “Por que uma mulher não quer trabalhar de empregada doméstica e às vezes ela quer trabalhar em uma fábrica, e não quer trabalhar?”. É porque o trabalho doméstico é uma coisa chata para caramba. É uma coisa pesada, é uma mesmice todo dia. Você olha para o lado, não tem ninguém para você conversar, e ainda chega gente em casa pisando nas canelas. E ainda tem pessoas que falam: “Ah, a minha empregada é como se fosse da família. Ela deu o peito para o meu filho, ela cuida da gente há 50 anos”. Aí você pergunta: “Por acaso colocaste essa santa no testamento?”. Não colocaram.

Então, vocês percebem que nós estamos apenas começando – e aí é o meu lado feminino que está falando –, estamos apenas começando uma luta, Nilcéa. Falta muito, porque não é uma questão de lei. A lei é importante, a Lei Maria da Penha é muito importante, mas, depois da Lei Maria da Penha é preciso que as mulheres adquiram coragem de saber que tem uma lei, que o Estado vai lhes dar proteção e que elas podem fazer a denúncia, sem o risco de apanharem o dobro depois.

É todo um processo que nós evoluímos muito, com os CRAS, evoluímos muito com as organizações, os CREAS, ou seja, as coisas começaram a evoluir, mas ainda falta muito para a gente conquistar. De qualquer forma, não tem outro jeito: nós só vamos conquistar se a gente tiver coragem de continuar debatendo, se a gente tiver coragem de continuar cobrando, se os prefeitos do Brasil inteiro forem evoluindo e as mulheres participando das secretarias, se os sindicatos tiverem cota de participação de mulheres, se os partidos tiverem cota de participação das mulheres.

É esse processo, Nilcéa, que está acontecendo no Brasil e que a gente não está percebendo: as mulheres, hoje, elas têm uma participação na escola maior do que os homens, inclusive na qualidade do aprendizado. Elas estão estudando mais do que os homens, mas as mulheres também estão se



doutorando mais que os homens no Brasil. Este ano serão 51% de mulheres formadas doutoras no Brasil, contra 48,5% dos homens.

Eu, hoje, quando vou numa grande obra, Samek, Santo Antônio e Jirau... quando você vai em Santo Antônio e Jirau, quando você vai na Nuclep, ou numa fábrica dessas, as mulheres estão trabalhando de soldadoras. Nos anos 80, soldador era uma profissão insalubre, que era proibido mulher trabalhar. Hoje você vai em Santo Antônio e Jirau, nas duas grandes hidrelétricas em construção, você encontra as mulheres manuseando aqueles caminhões maiores do que este hotel, e felizes da vida porque aquilo, para elas, além de um trabalho, é a liberdade de sair de casa, de poder trabalhar, conhecer outras pessoas.

Eu acho que essa evolução não é possível a gente fazer na lei; a gente faz é no dia-a-dia, é fazendo o que vocês estão fazendo, e a cada dia a gente vai conquistando um milímetro, um centímetro, daqui a pouco um metro, daqui a pouco as coisas estão do jeito que a gente quer. E eu acho que as mulheres precisam evoluir para a conquista política, evoluir, porque não esperem nunca gestos de benevolência de homens. Nós poderemos ser todos simpáticos no discurso, mas adoramos ficar sentados num sofá: “Me traz um café, tem uma cervejinha gelada? Eu não posso levantar porque o meu time está no ataque”. Não é assim, Samek? Não é assim? Eu, se perguntasse aqui quantos destes companheiros, aqui, lavam suas cuecas e suas meias, certamente nenhum lava, nenhum lava, porque nós achamos que é coisa de mulher fazer isso.

Então, meus companheiros e companheiras, eu penso que esses encontros... é um dia em que vocês vão tomar decisões e orientações, mas, sobretudo, é um dia em que nós, homens, precisamos voltar para casa sabendo que nós ainda estamos longe de ser os justos, os democráticos e os equânimes que nós poderemos ser. Ainda tem muitos de nós que vão para o banheiro e pedem uma toalha depois que tomam banho, que acham que a mulher tem que ir lá pegar a meia deles, a cueca. Tudo isso, tudo isso, um dia



vai terminar, e vai terminar com a evolução da espécie, do homem e da mulher, do homem cedendo e da mulher conquistando.

Portanto, eu acho que este encontro que vocês estão fazendo é um momento de vocês conquistarem mais um milímetro, porque faltam apenas quatro meses, Nilcéa, para terminar o nosso mandato, quatro meses. Quando você deixar a Secretaria, eu deixar a Presidência e os ministros deixarem de serem ministros, nós vamos levar um tempo para compreender o que fizemos e o que não fizemos, e a gente vai perceber que por mais que a gente tenha feito, por mais... Eu sei o que você fez, Nilcéa, eu tenho consciência do avanço que as mulheres tiveram nesses sete anos. Por mais que a gente fez, a gente, quando passar quatro ou cinco meses, a gente vai pensar “Poxa vida, poderia ter feito muito mais”, e muitas vezes não fizemos porque não sabíamos que podíamos fazer muito mais. Eu tenho certeza de que quem vier depois de nós vai fazer muito mais do que nós fizemos, e assim a Humanidade vai conquistando a sua democracia e as mulheres vão conquistando o seu espaço nesta sociedade democrática.

Um abraço, boa sorte e que Deus abençoe todas vocês.

(\$211A)



**Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República**
